

A FILOSOFIA DA PSICOLOGIA EM LUDWIG WITTGENSTEIN: SOBRE O “PLANO DE TRATAMENTO DOS CONCEITOS PSICOLÓGICOS”.

(Philosophy of Psychology in Ludwig Wittgenstein: On the “Plan for the Treatment of Psychological Concepts”)

Prof. Dr. Bortolo Valle.

Programa de Pós-graduação Mestrado em Filosofia da PUCPR.

Resumo: Nos *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie – Remarks on the Philosophy of Psychology* (BPPI) escritos entre 1947 – 1948, Wittgenstein expõe o que ele mesmo chama de “Plano para o Tratamento dos Conceitos Psicológicos” (*Plan zur Behandlung der psychologischen Begriffe*). Nosso objetivo neste trabalho é o de apresentar os elementos que fazem a caracterização de tal plano no quadro daquilo que o filósofo vienense entende por Ciência da Psicologia. Indicaremos as peculiaridades da indagação wittgensteiniana sobre os conceitos psicológicos ressaltando que a intenção do filósofo em descrever o uso dos termos psicológicos difere daquilo que se pode considerar uma “descrição” dos fenômenos tal como frequentemente é feito pela Ciência da Psicologia. Como elementos fundantes do *Plano para o Tratamento dos Conceitos Psicológicos*, indicaremos a refutação da *primazia do próprio caso* destacando aspectos das relações entre a primeira e a terceira pessoa mostrando o que acontece com os verbos psicológicos caracterizados pelo fato de que a terceira pessoa do presente deve ser verificada mediante observação o que não acontece com a primeira.

Palavras-Chave: Wittgenstein, Primazia do Próprio Caso, Filosofia, Psicologia.

Abstract: In the *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie – Remarks on the Philosophy of Psychology* written between 1947 – 1948, Wittgenstein exposes what he calls a “Plan for the Treatment of Psychological Concepts” (*Plan zur Behandlung der psychologischen Begriffe*). The aim of this paper is to present the elements that characterize such a plan within the realm of what the philosopher understands as Psychology Science. We intend to show the points of Wittgenstein’s questions about psychological concepts emphasizing that the philosopher’s intention to describe the use of psychological terms differs from what can be considered a “description” of phenomena according to the Science of Psychology. Finally, we will show the asymmetry between the first and third persons.

Keywords: Wittgenstein – Primacy of One’s Own Case – Philosophy –Psychology

1. A Preocupação de Wittgenstein com a Psicologia.

No retorno a Cambridge em 1929, Wittgenstein inicia o que se pode chamar de período de transição em sua atividade filosófica. Depois do *silêncio-ativo* assumido após as conclusões do *Tractatus*, o filósofo retoma o trabalho e se debruça sobre três campos de investigação. Por um lado, retoma as preocupações com a Filosofia da Linguagem, por outro, empenha-se em explicitar e aprofundar os contornos da Filosofia da Matemática e, por outro ainda, inicia, dando corpo àquilo que mais tarde ficou conhecido como sua Filosofia da Psicologia.

Se existe um “ultimo Wittgenstein”, sabemos da importância assumida pela análise da linguagem, na condução dos trabalhos que culminaram em *Investigações Filosóficas*. É a partir dela, tomada como pano de fundo, que a reflexão sobre a matemática elaborada, parece, entre 1937 e 1944, fazer sentido. Também é daquela análise, que vemos possível o desenvolvimento de considerações sobre a Psicologia iniciadas provavelmente, a partir da metade dos anos quarenta.¹ Linguagem, Matemática e Psicologia são, portanto, os três grandes campos que conjugados não só servem de base, como também, elaboram e lançam luz sobre o modo singular como o filósofo reinterpreta, na maturidade, sua Filosofia.

É evidente um descompasso nos estudos dedicados a Wittgenstein na abordagem desses três campos de interesse. Uma incursão sobre a linguagem tem sido

minuciosamente elaborada expondo, quase à exaustão, sua última Teoria do Significado. O mesmo não se pode afirmar quanto à Matemática e à Psicologia; carecemos ainda de estudos que explorem suas peculiaridades e nos permitam uma compreensão abrangente de toda a dinâmica que configura suas identidades e suas conseqüentes possibilidades.

No caso particular da Psicologia, nosso objeto de estudo, só muito recentemente começaram a aparecer trabalhos dedicados a explorar o alcance das considerações do filósofo de Viena: considerações inovadoras sobre a atividade do sujeito psicológico que se estende para além dos estreitos limites do cartesianismo, do behaviorismo, da psicanálise e dos pretensiosos fundamentos de uma Psicologia que se quer científica.

A filosofia da Psicologia concebida por Wittgenstein, embora originada, conforme dissemos, a partir dos meados da década de quarenta só é conhecida muito tardiamente. Por volta de 1980 as observações do autor feitas como anotações são publicadas resultando em *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie – Remarks on the Philosophy of Psychology*. Pouco mais tarde, em 1982, surge o primeiro volume de *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie – Last Writings on the Philosophy of Psychology* e nos anos seguintes segue-se o segundo volume. Sabemos, agora, que tanto *Bemerkungen* quanto *Letzte Schriften* estão diretamente ligados a *Investigações Filosóficas*, obra referencial da fase final do pensamento de Wittgenstein já que grande parte da mesma foi elaborada no tempo em que o filósofo dava aulas sobre temas de Psicologia. Além disso, quando olhamos atentamente para o conteúdo de *Zettel – Fichas* também é possível dele extrair referências que se incorporam ao conjunto das notas acerca da Psicologia. Wittgenstein, nesses textos, inova profundamente o tratamento das questões psicológicas possibilitando material para a renovação do estatuto teórico da Psicologia e de suas pretensões científicas.

Especificamente no que se refere à possibilidade de uma análise da Ciência, as idéias produzidas por Wittgenstein em seus últimos escritos, não mereceram, por parte dos estudiosos da Filosofia da Ciência atenção devida. Diferentemente do comportamento dispensado por ocasião das conseqüências do *Tractatus*, principalmente por força das conexões mantidas, pelo vigor daquela obra, com os pensadores do Círculo de Viena. Sabemos que o filósofo não tinha a intenção de voltar sua reflexão para a atividade científica à maneira de R. Carnap, K. Popper, T. S. Kuhn, I. Lakatos, L. Laudan entre outros. A especificidade de sua filosofia parte precisamente de uma instância prévia que condiciona toda a Ciência: a análise da linguagem.

A linguagem, além de influenciar em toda a atividade humana é também o elemento constitutivo da Ciência. Assim, é possível fazer com que a Semântica da Ciência, seja um constituinte fundamental no tratamento das pretensões da Filosofia da Ciência: isto parece evidente quando se constata, como nas últimas décadas deste século, que sob o impulso da Filosofia da Linguagem, foi dedicado uma atenção especial às questões do *sentido*, da *referência* e da *verdade* dos *termos* e *enunciados científicos*. Wittgenstein oferece, a este respeito, oportunas considerações, como por exemplo, aquelas sobre a questão da *certeza*. Embora seu objeto de estudo, nos últimos escritos, esteja centrado sobre a *linguagem ordinária* – algo que parece distante do que pode ser linguagem necessária para a Ciência, as relações por ela mantidas com a linguagem científica e, sobretudo, com a realidade, permite ao autor,

apreciações relevantes com repercussões diretas sobre a constituição da atividade científica.

Wittgenstein não tem a intenção de tomar a Psicologia como Ciência no sentido tradicional, mas tão somente de esclarecer e diagnosticar as confusões conceituais nela presente. Seu estudo leva adiante a tarefa a partir da análise do uso dos termos que expressam os conceitos psicológicos. Olha a Psicologia a partir da Filosofia: seu propósito não é tanto desenvolver um saber empírico, mas realizar uma reflexão filosófica sobre elementos básicos do pretense *corpus* científico da Psicologia. Considera como filósofo a experiência psicológica ordinária e a compara com algumas afirmações procedentes da Ciência Psicológica. Seu campo de trabalho é a linguagem que assume papel decisivo nas reflexões sobre o ambiente psicológico. Assim, seus apontamentos se direcionam para o esclarecimento conceitual dos termos utilizados pela Psicologia, com a tarefa de definir com maior precisão o âmbito concreto das investigações psicológicas, bem como seu objeto e seu método.

Os vínculos entre Filosofia e Psicologia são profundos. Com efeito, a Psicologia recolhe um grande número de idéias filosóficas sobre o que é a mente, o que é o comportamento, etc., e também, sobre a compreensão mesma da Ciência. Para analisar a Psicologia, Wittgenstein parte da Filosofia. Centraliza-se na *Teoria do Significado* nascida do uso da linguagem ordinária, campo no qual se inscrevem boa parte de seus comentários sobre a linguagem psicológica. Por isso a tarefa realizada na análise dos usos lingüísticos correspondentes aos conceitos psicológicos deve ser entendida desde este ponto de vista. Sua descrição do uso da linguagem é a pauta oferecida para alcançar o significado dos termos e enunciados da Psicologia.

2. Condições para o Surgimento da Psicologia uma Abordagem sobre a Linguagem: o Jogo, a Regra e a Forma de Vida.

Wittgenstein, no final de sua vida, alimentou o desejo de elaborar uma gramática dos conceitos psicológicos. Assim, ao lado de suas incursões sobre a linguagem, sobre a lógica, e sobre a matemática, também é possível fazer referência a uma sobre o que se pode designar como sua “Filosofia do espírito”, ou Filosofia da Psicologia. Foi a este tema que o filósofo pretendeu consagrar a segunda parte de suas *Investigações Filosóficas*. No trabalho daquela época, vemos abordadas questões bastante clássicas tais como: que significa ver? Pensar? Imaginar? Recordar-se? Como devem ser concebidas as relações entre o corpo e o espírito? É possível compreender os outros?

No tratamento de tais questões percebemos a facilidade com que o filósofo faz incursões sobre as idéias de W. James, de Köhler bem como sobre a dos psicólogos da Gestalt. No entanto, evidencia-se uma particularidade, um estilo original: ele concebe uma espécie de psicologia descritiva próxima da fenomenologia da qual não assume nem o vocabulário e, nem tampouco, suas concepções. Há uma acuidade particularíssima na escolha de seus objetos de estudo quer se trate de uma mudança no aspecto de uma figura, no sentido de uma palavra ou de um cálculo mental. Assim, a leitura de Wittgenstein possibilita uma perspectiva de onde se podem enfocar tais questões com um olhar novo sem perder de vista o sentido do problema para redesenhar as pretensões da Psicologia.

Sobre que bases alicerçar a atividade do “sujeito” psicológico? No desafio assumido para a elaboração da referida gramática dos conceitos psicológico, Wittgenstein recupera o que havia banido no *Tractatus*, ou seja, resgata a expressão

da experiência ordinária – a aceitação da linguagem ordinária tal como está – e sobre ela sustenta a adequada compreensão do objeto da Psicologia. Vale alertar: a linguagem ordinária não pode ser concebida senão em termos de linguagem de ação. Assim, o esboço da Psicologia assume contornos quando os termos psicológicos se conectam diretamente com a atividade humana, ou seja, com a práxis.

Tal conexão permite compreender, primeiro, que a expressão de significado está situada para além do privado, ou seja, a significatividade não pode ser concebida como um produto da mente, como resultado de uma operação privada ou subjetiva, ela é fundamentalmente algo intersubjetivo. Depois, nos mostra ainda que a mesma significatividade não é proporcionada pelo objeto a que se refere. Ao buscar o uso de um signo não podemos fazê-lo como sendo resultante de sua coexistência com o objeto, pois como esclarece o filósofo, o signo obtém seu significado no seio do sistema da linguagem a que pertence (Wittgenstein 1983, § 5). O estatuto da Psicologia que deve, portanto, orientar a análise gramatical de seus conceitos, toma como pressuposto a seguinte convicção: o significado não é nenhum tipo de atividade mental nem se encontra no objeto nomeado, ao contrário, está radicado no uso. Desta forma, a dinâmica dos *jogos de linguagem*, das *formas de vida* e do *seguimento de regras* é evocada como condição indispensável num quadro onde o contexto adquire relevância para a análise dos conceitos psicológicos.

Ao perguntar-se pela fundamentação da linguagem, Wittgenstein esclarece que não podemos conceber a existência de uma categoria conceitual de onde ela poderia ser derivada. Não existem os tais super-conceitos (Wittgenstein 1994b, § 97). Devemos estar cientes de que só podemos reconhecer que “é assim, de fato que jogamos o jogo” (*idem*, § 71). Evidente, portanto, que a única dimensão que pode ser evocada, para esse exercício, é aquela meramente pragmática. A linguagem não passa de um fenômeno. Ela não carrega consigo absolutamente nada de particular (Wittgenstein 2004, § 138). Não existe, na concepção de Wittgenstein, aquilo que Kant concebia como uma ordem categorial. Assim sendo, uma experiência psicológica não tem outra origem senão no contexto de um jogo de linguagem, ou seja, sua origem não está associada ou condicionada ao pressuposto de uma estrutura *a priori* da experiência, como aquelas que fazem referência à existência de um sujeito transcendental possuidor de certas categorias. O núcleo da linguagem, sua suposta essência, está constituído tão somente pelos jogos e estes só se esclarecem em seu uso.

No vínculo permanente entre jogo e ação, o conhecimento da linguagem se transforma em conhecimento prático: conhecer uma linguagem implica em dominar uma técnica. O filósofo alerta que, de certo modo, o jogo de linguagem se fundamenta a si mesmo e que, portanto, o próprio jogo – como uma atividade entre as outras – fundamenta aquilo que nele se joga. Assim, seu fundamento extralingüístico, se existe, consiste na atividade, na práxis. Dessa forma, os elementos psicológicos devem ser vistos no âmbito dos jogos de linguagem e não podem ser tomados como construções científicas desvinculadas do uso ordinário. É no jogo de linguagem, e somente neles, que se pode buscar compreender o alcance de uma experiência psicológica.

Vale ressaltar que os jogos possuem em comum o emprego das regras. Esta é uma característica importante, pois, no entendimento de Wittgenstein, podemos nos referir às palavras da linguagem como nos referimos às figuras do jogo de xadrez, ou seja, expondo suas regras de jogo sem, no entanto, descrever suas propriedades físicas. Uma vez que o vínculo entre linguagem e realidade é oportunizado pela Gramática,

então, o seguimento de regra ocupa um lugar de destaque. Obedecer a uma regra é uma prática (Wittgenstein 1994b, § 202), o que fica patente quando o autor afirma: “seguir uma regra é análogo a obedecer a uma ordem” (*idem*, § 206) e quando mostra o caráter público da linguagem ao dizer: “pensar que alguém está obedecendo a uma regra não é obedecer a uma regra. Por isso, não é possível obedecer a uma regra privadamente” (*ib.*, § 202).

O seguimento de uma regra pressupõe a conformidade com uma prática intersubjetivamente dada e é isso que determina se eu estou seguindo tal regra. A regra carece de um apoio que é fornecido pela repetição como esclarece: “não pode ser que uma regra tenha sido seguida uma única vez por um único homem. Seguir uma regra, fazer, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez, são costumes (usos, instituições)” (*ib.*, § 199). O seguimento de regras não pode nos remeter a regras ulteriores como que procurando por uma justificação última de onde as demais seriam derivadas (*ib.*, § 217), não existe um modelo geral nem *a priori* e nem *a posteriori* para a fundamentação das mesmas: só na ação a regra se esclarece.

É oportuno notar ainda que a maneira inovadora como Wittgenstein trata os termos psicológicos, leva em consideração que o jogo de linguagem e o seguimento da regra devem ser percebidos no âmbito da *forma de vida*, como indica: “a expressão jogo de linguagem deve aqui realçar o fato de que falar uma língua é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (*ib.*, § 23). O conceito de forma de vida não é preciso em Wittgenstein, no entanto, qualquer pergunta sobre a justificação dos jogos de linguagem e de suas regras nos devem remeter às formas de vida enquanto instâncias inquestionáveis. Os conceitos psicológicos se enraízam nas formas de vida e é delas que adquirem sua significatividade. A forma de vida possui o caráter daquilo que *é dado*, de *algo que deve ser aceito* e sobre ela os conceitos psicológicos se sustentam. Não existem formas de vida umas mais verdadeiras que outras já que o conjunto de reações comuns das regras que surgem da linguagem constituem a base de sua significatividade e o limite de sua análise.

3. A Identidade da Psicologia a Refutação da Primazia do Próprio Caso.

A linguagem sob perspectiva pragmática, conforme apresentada por Wittgenstein em seus últimos escritos, incide diretamente sobre os fundamentos da Psicologia. A nova teoria do significado dela nascida permite reconsiderar as discussões em torno da *primazia do próprio caso* enfraquecendo posições filosóficas que alimentam certos enfoques psicológicos tais como o racionalismo, o empirismo, o positivismo, o mentalismo, o materialismo e o idealismo.

O novo aporte sobre o significado permite repensar tanto a estrutura epistemológica quanto aquela metodológica da Psicologia. Além disso, ao elaborar um questionamento sobre o *enfoque egocêntrico*, o filósofo termina por minar os posicionamentos que lhe dão sustento, marcadamente o cartesianismo e o empirismo, fazendo também uma crítica contundente ao *solipsismo* resultante do fenomenismo de natureza kantiana. Wittgenstein se propõe como tarefa dissolver os problemas por meio da análise lingüística, na maneira como foi tratada da primazia do próprio caso.

Em *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein completa a tarefa iniciada em *Blue Book*. Tarefa que consiste no abandono de uma semântica diretamente ligada aos *meus estados de consciência* ou a *minhas experiências* no âmbito do sensível para substituí-las por outra concepção de significado onde as alter-descrições prevaleçam sobre as auto-descrições: o mais importante agora não é o *meu próprio caso* como

reivindicado tanto pelo Racionalismo quanto pelo Empirismo. No mesmo compasso, é a partir dessa obra que o argumento analógico sobre as outras mentes entra em crise. Tal argumento defende a possibilidade de que fazer referência a outras mentes (seus estados de consciência, pensamentos, desejos, intenções, etc.), dependeria do fato de poder fazê-lo sobre mim mesmo: eu atribuiria ao outro, por analogia, aquilo que percebo em mim mesmo; o filósofo reconhece a dificuldade intrínseca de generalizar a partir do meu próprio caso (*ib.*, § 293).

O desmonte da primazia do próprio caso é talvez o traço mais característico do modo como o autor de *Investigações* concebe a Psicologia. A dissolução daquela primazia encontra eco na crítica da linguagem privada exposta desde o parágrafo 243 de *Investigações*. O desmonte se sustenta em termos semânticos, pois é improvável, segundo a concepção do autor, que alguém possa, considerando sua experiência particular, conferir significado a uma palavra. Ao aceitar a linguagem privada, alguém poderia associar privadamente um nome a um objeto sendo que seria este objeto quem iria conferir significado ao nome. Uma semântica egocêntrica não nos ajuda. Para esclarecer a questão, Wittgenstein se volta para o esclarecimento dos conceitos que se referem às sensações, especificamente aquele da dor.

Na análise do termo dor, pretende mostrar que a privacidade semântica não é senão uma tentativa de conectar a palavra a um objeto privadamente conforme exposto acima. Esclarece o autor: “Pode também conceber-se uma linguagem em que uma pessoa pudesse, para seu próprio uso, tomar nota ou dar uma expressão oral às suas vivências interiores, aos seus sentimentos, estados de espírito, etc.? Não podemos também fazer na nossa? – Mas não é isso o que eu quero dizer. A referência das palavras daquela linguagem deve ser considerada ser aquilo de que só a pessoa que fala pode saber; as suas sensações imediatas, privadas. Assim, uma outra pessoa não pode compreender esta linguagem” (*ib.*, § 243). A linguagem privada e o enfoque egocêntrico que o acompanha quando aplicados aos conceitos psicológicos (mais especificamente às palavras com as quais são designadas nossas sensações), mostram que o conhecimento do significado dos termos psicológicos exige que se conheça previamente a própria experiência. Dessa maneira, para conhecer o significado do conteúdo *dor*, só temos à disposição a nossa própria dor, uma vez que somente nós mesmos podemos senti-la. Assim *dor* significa originariamente *minha dor*.

Wittgenstein reconhece que uma sensação privada poderia ser admitida tanto sob o ponto de vista epistêmico quanto sob o ponto de vista ontológico. No primeiro caso, uma sensação é privada se somente eu a conheço. No segundo, é privada se somente eu a possuo. Quais as conseqüências que a tornam inviável? Num primeiro momento porque só o sujeito sabe que a possui (*ib.*, § 242), depois porque são experiências e sensações exclusivas do sujeito (*ib.*, § 243) e, finalmente, porque só o sujeito é capaz de conhecer o significado que ele mesmo conferiu à palavra para nomear sua sensação (*ib.*, § 302). Fica evidente assim que a defesa da privacidade nos conduz invariavelmente ao solipsismo, já que não posso saber o que significa a dor alheia. A privacidade epistêmica e ontológica implica que eu sei que tenho dor e que ninguém mais pode sabê-lo, mas somente conjecturar.

Wittgenstein reconhece que o significado da palavra dor não pode ser estabelecido por uma experiência privada. Não é possível estabelecer o nome de uma sensação privadamente. A palavra sensação tem um uso público e se define por uma ação. Linguagem privada é aquela que carece de critérios públicos de significação. O filósofo tem consciência de que não se pode negar que é possível uma referência

privada quando fazemos usos das expressões psicológicas. A crítica se reveste de outra profundidade. O que está em jogo é o questionamento sobre a possibilidade de ser conferido um sentido a tais expressões de modo privado. Não é possível imaginar a sensação de outro tomando como ponto de partida minha própria sensação. Se este for o caso, estamos nos distanciando do uso ordinário da linguagem e adotando, portanto, um procedimento nascido de uma distorção gramatical que nos leva para fora da realidade.

O mesmo procedimento, de crítica à primazia do próprio caso, deve ser assumido para a totalidade do conjunto de conceitos psicológicos. Realidades como *pensar, compreender, imaginar, ter desejo, etc.*, sofrem a mesma dinâmica. Se alguém insiste em conferir a eles uma expressão a partir do próprio caso, esquece que a função principal da linguagem é a comunicação, não tendo validade o sentido privado das palavras. O caráter público da linguagem se opõe à primazia da experiência privada, e é nesta condição que Wittgenstein centraliza sua investigação sobre os conceitos psicológicos.

A crítica ao enfoque egocêntrico redimensiona a análise de elementos que parecem ter sido os fundamentos basilares de aportes psicológicos através dos tempos. A referência a um eu, a uma linguagem como expressão da primeira pessoa e ao solipsismo expõem toda a sua fragilidade e, com ela, as pretensões dos enfoques racionalistas, empiristas e fenomenistas de fundar a Ciência da Psicologia. Contra elas Wittgenstein procura mostrar que os conceitos psicológicos são usados e aprendidos no contexto dos jogos de linguagem evitando, assim, a confusão gramatical nascida da tendência visível em tomá-los como puramente subjetivos (*ib.*, § 116). O autor também deixa evidente que a insistência na primazia do próprio caso desconsidera a experiência de outras pessoas, fator básico na descrição de comportamentos: sabemos, mostra o filósofo, que é pela experiência de outrem que conseguimos fixar e reconhecer nossas experiências como próprias e pessoais. De que modo a crítica ao enfoque egocêntrico adquire sua força?

É evidente, em seus últimos textos, a pretensão do autor em dissolver os erros que se encontram vinculados ao estabelecimento da primazia do próprio caso, e, conseqüentemente, ao solipsismo. A Psicologia padece de uma enfermidade que tem origem no modo como utilizamos os conceitos psicológicos. A doença é fruto do modo como usamos a linguagem. No contexto de sua visão pragmática da linguagem, Wittgenstein reafirma a identidade da Filosofia como uma atividade terapêutica possuidora de um caráter descritivo. Seu objetivo é o de esclarecer o pensamento por meio da tarefa de análise da linguagem sem, contudo, alterar as coisas: “A filosofia de fato, apenas apresenta as coisas e nada esclarece, nem nada deduz. – É uma vez que tudo está a vista, também nada há a esclarecer. Poder-se-ia também chamar Filosofia o que é possível antes de todas as novas descobertas e invenções” (*ib.*, § 126). Se no *Tractatus* o objetivo do esclarecimento estava centrado sobre a lógica do pensamento que deveria refletir fielmente os fatos, nas *Investigações Filosóficas*, se volta para o jogo de linguagem adequado, para seu lugar gramatical. É preciso dissolver as perplexidades nascidas do uso inadequado da linguagem. O uso inadequado nos enfeitiça e nos confunde, apresentando-nos jogos de linguagem com semelhanças enganosas (*ib.*, § 224).

4. Características do Plano para o Tratamento dos Conceitos Psicológicos

Nos *Bemerkungen*, escritos entre 1947 e 1948, Wittgenstein expõe, como dissemos, seu plano para o tratamento dos conceitos psicológicos. Tal plano é exposto de forma esquemática e revela traços relevantes de sua posição sobre o psicológico. Torna explícito seu conteúdo com os seguintes traços: “Plano para o tratamento dos conceitos psicológicos. Os verbos psicológicos caracterizados pelo fato de que a terceira pessoa do presente deve ser verificada mediante observação, já a primeira não. Frases na terceira pessoa do presente: informação. Na primeira pessoa do presente: expressão (não de todo correto). A primeira pessoa do presente tem finalidade na expressão. Sensações: suas relações internas e analogias. Todas têm duração autêntica. Possibilidade de indicar o princípio e o fim. Possibilidade de simultaneidade, de coincidência temporal. Todas têm graus e mesclas qualitativas. Grau: apenas perceptível-insuportável. Neste sentido não existem sensações de posição ou de movimento. Lugar da sensação no corpo: distingue o ver e o ouvir das sensações de pressão, temperatura, gosto e dor” (Wittgenstein 1983, v. II; 1989, § 472).

Posteriormente, em outra passagem, o filósofo acrescenta algo mais ao quadro traçado, permitindo diferenças significativas entre emoções e sensações. Nele aparecem notas que Wittgenstein considera com maior atenção. Ele mesmo se encarrega de advertir que é uma: “continuação da classificação dos conceitos psicológicos: as emoções. O comum entre elas: duração autêntica, um transcurso. (o nojo toma, diminui, desaparece; da mesma maneira que a alegria, a depressão o temor). Diferença com as sensações: não estão localizadas (nem sequer difusamente). Comum: tem um comportamento expressivo característico (expressão facial). Daí pode ser derivado: também sensações características (a voz carregada de lágrimas). Mas tais sensações não são as emoções. Entre as emoções se poderiam distinguir as dirigidas e as não dirigidas. Temor diante de algo, alegria por algo. Este algo é o objeto, não a causa da emoção” (Wittgenstein 1983, § 148; 1989, § 488).

Como se pode observar, além de distinguir entre sensações e emoções, e assinalar a assimetria entre a primeira e a terceira pessoa, também expressa a diferença entre as sensações e, a partir destas, das emoções. Wittgenstein aponta assim mesmo uma série de traços de tais conceitos (entre eles, a duração, o grau ou intensidade, localização corporal, a expressão de comportamento característica e a relação com seu objeto). Este plano, ou, também, esta classificação dos conceitos psicológicos, é desenvolvido de um modo parcial e assistemático, mas proporciona pista que se completam em outras obras, podendo-se extrair conclusões relevantes. Este plano expõe uma mostra da preocupação de Wittgenstein pelo psicológico em si mesmo considerado.

Alguns autores assinalam com propriedade que a maneira como são considerados os conceitos psicológicos nos *Bemerkungen*, difere notadamente do tratamento dado nas *Investigações*, pois nesta obra a análise de tais conceitos aparece ligada a temas estreitamente conectados com o problema do significado, tais como a possibilidade de uma linguagem privada ou o seguimento de uma regra. Por sua vez, nos *Bemerkungen*, toma os conceitos psicológicos sem referência a problemas concretos do significado, ou seja, conceitos psicológicos como tais. Isto indica que o autor vai lentamente se inclinando para o tratamento específico do psicológico, isto é, a um ponto de vista não tão apegado ao uso da linguagem como nas *Investigações*.

Wittgenstein sugere que os conceitos psicológicos de nossa linguagem nem sempre captam a diferença de matizes que nos mostram a peculiaridade de seus usos: prestam-se geralmente a diversas interpretações. Na análise do termo *esperar*

explicita: “Dizemos espero-o quando acreditamos que vai chegar, mas seu lugar não nos ocupa (Espero-o significaria aqui ficaria surpreso se não chegasse - e a isto não se chamaria a descrição de um estado anímico). Mas também dizemos espero-o quando isto quer dizer: eu o aguardo. Poderíamos imaginar uma linguagem que nestes casos usaria conseqüentemente diferentes verbos ou, também, mais de um verbo nos casos em que falamos crer, ter uma esperança, etc. Os conceitos desta linguagem seriam, quem sabe, mais apropriados para uma compreensão da psicologia que os conceitos de nossa linguagem” (Wittgenstein 1994b, § 577).

A intenção de Wittgenstein de descrever o uso dos termos psicológicos difere do que pode considerar-se uma “descrição” dos fenômenos, tal como faz com freqüência a Ciência da Psicologia. Diferentemente do que acontece nesta última seu interesse é dirigido para a consideração dos conceitos tal como os usamos para falar da psique de outras pessoas e de nossa própria, em vez de se deter sem mais no fenômeno como aparece.

A visão wittgensteiniana da filosofia como análise conceitual faz com que seu estudo seja uma analítica dos conceitos presentes na linguagem, assim devendo tomar seu trabalho sobre a Psicologia como o esclarecimento conceitual de um campo concreto. Tal objetivo, esclarecer os conceitos, se funde perfeitamente com a primazia da Teoria do Significado, que está presente na base de sua última Filosofia. Mas a análise feita pelo filósofo apresenta outras particularidades de vital importância. Em primeiro lugar, Wittgenstein não busca a elaboração de uma taxionomia completa de todos os conceitos psicológicos; isto porque seu olhar não se dirige à completude, uma vez que não pretende elaborar uma sistemática de tais conceitos; seu objetivo é talvez menos ambicioso: consiste em propor analogias e semelhanças entre eles. A seu juízo, as analogias e as semelhanças são as que proporcionam luz ao tratamento correto dos conceitos psicológicos: “O tratamento de todos estes fenômenos da vida mental não é importante para mim porque pretenda ser completo, mas porque, para mim, cada um deles lança luz sobre o tratamento correto de todos os outros”. (Wittgenstein 1989, § 465; 1983, v. II, § 311).

Seu propósito se centraliza preferencialmente em mostrar as dessemelhanças e paralelismos. Antes da busca de exatidão, Wittgenstein assinala a pretensão de mostrar uma visão sinótica (panorâmica) (cf. Wittgenstein 1989, § 464) da genealogia dos fenômenos psicológicos. Desta forma, para o estudo dos conceitos psicológicos, da mesma maneira que acontece com outras partes de sua Filosofia, ele se aproxima da análise do referente à Gramática. Assim, descobrir semelhanças entre semelhanças de família só é possível se possuímos uma visão sinótica da Gramática entendida no sentido que lhe atribui o filósofo. Wittgenstein esclarece que: “uma das fontes principais de incompreensão reside no fato de não termos uma visão panorâmica do uso de nossas palavras. A nossa gramática não se deixa ver panoramicamente. A representação panorâmica facilita a compreensão, a qual de fato consiste em vermos as conexões. Daí a importância de se encontrar e de se inventar termos intermédios. O conceito de representação panorâmica tem para nós um significado fundamental. Designa a nossa forma de representação, a maneira como vemos as coisas. (isto uma maneira de ver o mundo?)” (Wittgenstein 1994b, § 122).

Além disso, Wittgenstein insiste em que: não possuir uma visão de conjunto é fonte de uma prisão filosófica. Pode acontecer que estabeleçamos regras, realizemos taxionomia de conceitos, tencionemos dar um significado exato a uma palavra, etc., e, no entanto, pode ser que nos esqueçamos de uma visão de conjunto. Ele chama a

atenção para esta possibilidade: “estipulamos regras, uma técnica, para um jogo e depois, ao seguirmos as regras, as coisas não se passam como tínhamos suposto, Estamos como que presos em nossas próprias regras. É esta prisão nas nossas regras que queremos compreender, isto é, ter dela uma visão panorâmica” (*idem*, § 125). Isto lança luz sobre nosso conceito de significar redefinindo nossa compreensão dos conceitos psicológicos.

5. Considerações Finais

Parece que os textos de Wittgenstein dedicados à Filosofia da Psicologia permitem uma retomada específica do problema da subjetividade. Seu objetivo parece ser aquele de proceder a uma despseudologização dos termos psicológicos. Sua tarefa não consiste na sua eliminação, mas em sua redefinição. Em seus textos tardios, Wittgenstein busca uma redefinição do Sujeito – da linguagem como experiência – que não envolve nem o que se chama sujeito metafísico, nem tampouco, o sujeito da psicologia. Wittgenstein não parece buscar um modo de proceder em Psicologia que oportunize soluções dos problemas e anomalias no interior de tal Ciência. Busca somente tornar visível panoramicamente a problemática que nos inquieta dentro da Psicologia. Não existe de sua parte intenção de completude ou de busca de uma significação exata. Junto com isto cabe apontar outra constante no tratamento wittgensteiniano dos conceitos psicológicos, a saber: *estes têm seu lugar em nossa vida*. Estão enraizados em nossa linguagem cotidiana, em nossa linguagem ordinária. Não são conceitos construídos para nossos propósitos.

Referências Bibliográficas

- CHAUVIRÉ, Ch, LAUGIER, S., ROSAT, J. – J. (ed.) (2001). *Wittgenstein: Les Mots de L'Esprit. Philosophie de la Psychologie*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.
- COMETTI, Jean – Pierre (2004) . *Ludwig Wittgenstein et la Philosophie de la Psychologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- FAUSTINO, Silvia (2006). *A Experiência Indizível: Uma Introdução ao Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Editora UNESP.
- WITTGENSTEIN, Ludwig (1994a). *Tractatus Lógico-Philosophicus*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- _____ (1994b). *Investigações Filosóficas*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (1989). *Zettel*. Lisboa: Biblioteca de Filosofia Contemporânea, Ed. 70.
- _____ (1983). *Bemerkungen über die Philosophie der Psychologie – Remarks on the Philosophy of Psychology*. vols. I e II . Oxford: Blackwell.
- _____ (2004). *Gramática Filosófica*. São Paulo: Edições Loyola.

Notas

¹ Conforme atestam as notas tomadas por P. Geach, K. J. Shah e A. C. Jackson.

Artigo recebido em 05/03/2007 e aprovado em 15/06/2007.